



MEDITAÇÃO 17 JULHO

“Pai, dá-me a parte da minha herança”

É bom que a Palavra de Deus não fique a ecoar num plano abstrato, mas se misture com a correnteza da vida, da nossa vida, pois só assim a pode iluminar e fecundar. Creio, por exemplo, que partindo da nossa experiência concreta de famílias, desta comunidade de pais e de filhos que somos, é-nos mais fácil captar a intensidade de sentido que se joga na parábola do Filho Pródigo. De uma forma ou de outra já a vivemos todos: por isso esta parábola é tão inesquecível e tão desafiante para nós. A eficácia desta história que Jesus conta no Evangelho de São Lucas (Lc 15: 11-32) resulta também do facto de ela ser-nos assim próxima, colada ao nosso universo familiar comum, aos seus sucessos e fragilidades. Não há dúvida que Jesus conhece-nos por dentro, e recorre a imagens capazes de tocar fundo o nosso coração. A começar por esta que abre a parábola: um filho dirige-se ao pai e interpela-o com um pedido, “Pai, dá-me”. Isto acontece diariamente em todas as famílias. A família é um exercício permanente do dom, e esse quotidiano e repetido exercício – podemos dizê-lo – estrutura a sua realidade. Por isso, a primeira parte da frase do filho pródigo nada tem de surpreendente. Ao longo da nossa biografia familiar somos chamados a dar tantas coisas aos nossos filhos: primeiro, e em colaboração com o Criador, dar-lhes a vida; dar-lhes tempo, amor, presença, palavra; dar-lhes banho e alimento quando são pequeninos; dar-lhes confiança e inspiração à medida que crescem; dar-lhes conforto nas lágrimas e humildade nas vitórias; dar, dar.... E a verdade, é que nessa dádiva contínua de nós mesmos aos nossos filhos, sentimos não que a nossa vida se gasta ou diminui, mas pelo contrário que ela se descobre feliz e se amplia. Se olharmos para as nossas vidas de mães e de pais, quantos sacrifícios, trabalhos e esforços estivemos e estamos dispostos a realizar para poder responder positivamente ao apelo de um filho que se abeira de nós e nos peça: “Pai, dá-me”. Muitas vezes o nosso sofrimento é não poder dar aos nossos filhos tudo o que queríamos ou tínhamos idealizado! E, com esse sofrimento, temos também de fazer um caminho.

Mas há um dia em que os filhos nos pedem não apenas esta coisa ou aquela, como sempre nos pediram. Pedem-nos, sim, para tomar nas mãos a própria vida, e mais: que nós os ajudemos a isso. “Pai, dá-me a parte da minha herança”. Quando eles são crianças e pensamos nisso, estremecemos, vem-nos um arrepio como se uma espada de dor trespassasse a nossa alma. Depois quando eles crescem vamo-nos habituando a essa ideia, mas não significa que não nos custe



Equipes Notre-Dame

*Rassemblement International – International Gathering – Encuentro
Internacional - Encontro Internacional – Raduno Internazionale*

Fátima 2018

16-21 Juillet – July 16th-21th – 16-21 de Julio – 16-21 Julho – 16-21 Luglio

vê-los partir, mudar de casa, de cidade, ir para longe. “Pai, dá-me a parte da minha herança”. Ao ouvir isso assaltam-nos tantos receios: “estarão eles preparados para isso?”; “saberão gerir sem a nossa presença direta aquilo que a vida lhes apresentará?”; “serão suficientemente fortes para fugir ao mal e sábios para desenvolver o bem?”. Por maiores que sejam os nossos receios, a relação filial não pode não ser uma aventura de liberdade. Se, por medo ou tentação de domínio, acharmos que podemos ser donos do destino dos nossos filhos equivocamo-nos terrivelmente. O amor não é prender, mas dotar aquele que se ama de asas. Que é como quem diz: dotá-lo da mais alta capacidade de ser, aceitando que ele viva a sua singularidade. Claro que isto não é propriamente uma coisa fácil. Exige de nós um trabalho interior de desprendimento, uma aprendizagem paciente da gratuidade e da esperança mais inquebrantável. Mas desprendimento, gratuidade e esperança são ou não sinónimos de amor?

Quando o filho pródigo se abeira do pai na parábola e lhe pede, “Pai, dá-me a parte da minha herança”, estamos bem colocados para entender a grandeza do que ele está a pedir. E se aceitarmos que aquele pai representa o próprio Deus que Jesus nos veio revelar, ainda mais aumenta o espanto. Contudo, é curioso que o pai da parábola não faz perguntas a tentar ganhar tempo, nem negocia condições para confiar a herança. Deus dá. O amor que Deus tem por nós, seus filhos, é um amor incondicional. A fé não é um estado de subjugação, mas um espaço relacional de aventura e risco. Na fé, descobrimos aquilo que a filósofa Simone Weil dizia: que ter fé em Deus é antes de tudo compreender e maravilhar-se com a fé que Deus coloca em nós. “Que é o homem para que vos lembreis dele, e o filho do homem para dele vos ocupardes?” (Sl 8:4). De facto, Deus vê em nós uma beleza que, tantas vezes, nós próprios não nos atrevemos sequer a pensar que ela exista.

Mas Deus vê e não desiste de segredá-lo ao nosso coração vulnerável, reforçando a nossa liberdade. Sobre a liberdade há de recordar São Paulo aos cristãos da Galácia: “Cristo libertou-nos para sermos realmente livres” (Gal 5:1). Teremos hoje a oportunidade de refletir sobre o horizonte e a alegria da liberdade cristã. Começemos esta manhã por rezá-la, por contemplá-la de uma forma muito pessoal, emprestando tempo interior a isso. Deus escuta-nos quando lhe dizemos: “Pai, dá-me a parte da minha herança”. Que significa para nós o gesto confiado de Deus?